

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

ENGUIÇOS E SUPERSTIÇÕES

*

Na vespera de San João, á meia noite, em Castello de Vide, as creanças que teem ruptura são passadas por uma vara de vimeiro, rachada longitudinalmente com uma navalha. Escolhem-se entre as creanças sãs um João e uma Maria, e são estas as que pegam na creança doente ou mandam passar o homem, se é um homem, dizendo o João:

Maria, em nome da Virgem Santíssima

E do Baptista San João,
Toma lá este menino podro
E passa-m'o são.

Maria responde:

João, em nome da Virgem
Santíssima
E do Baptista San João, etc.

Isto 3 vezes cada um, emquanto se passa a creança. As restantes pessoas cantam o Bemdito em voz alta. Depois, ligam-se as duas partes do vimeiro e deixa-se ficar este no vimeiro. Se a vara floresce, no tempo proprio, o doente sára; se a vara secca, o doente não sára e deve voltar no anno seguinte.

CONTO POPULAR

O charlatão

Era um homem casado, muito pobre, que foi servir para longes terras. Esteve uns poucos de annos em casa de um amo muito triste e solitario que, no fim do tempo, e despediu, dizendo-lhe:

—Não te dou dinheiro porque não o tenho, mas ensinou-te uma maneira de o ganhar a, como foste bom, quero que faças tua mulher e teus filhos felizes e ricos. Eu sou a Morte.

Quando fores para casa dirás que sabes curar enfermos, e quando te chamarem entras e receitas qualquer coisa. Se me vires aos pés da cama, terás a certeza que o enfermo não morrerá; mas quando me vires á cabecceira, desengana logo a familia.

Foi-se o homem para casa, pobre como tinha vindo. Da capa velha, que tinha, a mulher fez-lhe um casaco, e no principio das suas curas, como o viram tão pobre e modesto, pozeram-lhe o nome de charlatão. No entanto, com o auxilio da Morte, elle foi acertando sempre e adquiriu muito dinheiro e muita fama.

Uma vez adoeceu o Rei.

Os melhores medicos, por mais que receitassem, não faziam nada. Disseram ao Rei que mandasse chamar o charlatão. Assim o fez e quando elle entrou viu logo a Morte aos pés da cama do Rei. Receitou, tratou de o consolar e disse-lhe que não tinha duvida, que havia de o curar. Effectivamente o Rei melhorou e fel-o muito rico. Foi então que o charlatão adoeceu, indo de mal para peor. Quando já não pude mais sair da cama, viu a morte á cabeceira. Entristeceu-se, e disse:

—Logo á primeira vez, meu amo?

—E' verdade. Que mais queres agora? Fizeste tua mulher feliz, deixas teus filhos na abundancia, podes morrer descansado.

E o charlatão morreu descansado.

Do «Vianna do Castello».)

LENDA BIBLICA

A laranjeira e a cédro.

Era da creação o quarto dia e a luz primaveril derramava-se a jorros sobre a creação nascente.

E o etheroo azul do firmamento era tão puro que deixava contemplar as estrellas em torno do sol.

E os vastos mares agitavam-se no seu profundo leito, e a terra estendia-se em pla-

nicies, alçava-se com montanhas e afundia-se em concavos vallos.

E o Creador sorriu á sua obra.

E a terra estremeceu de alegria, os prados cobriram-se de flores, aservas aromaticas brotaram na faldada das montanhas e os bosques nos cerrados cabeços.

E Deus relanceou pela sua obra um olhar de complacencia.

E as flores dos prados, a herba dos campos e as arvores das florestas entoaram um hymno de louvor ao Eterno.

E a Laranjeira do Eden disse ao Cedro do Sanir.

«Bemdito seja o Senhor! Elevou a tua cama até ao céu, estendeu os teus ramos do oriente para o occidente, dotou a tua seiva de sentimento e deu-te uma vida immortal. E's o rei da creação!»

E as flores dos prados, a herba dos campos e as arvores das florestas bemdisseram o Senhor.

E o Cédro disse, inclinando os seus ramos para a arvore do Eden:

«Contempla-te a ti mesma e admira a munificencia do Creador: lavrou o teu tronco de branco, fez de esmeralda as tuas folhas, deu ás tuas argenteas flores o perfume que Elle ama, e com o ouro mais puro amassou o teu delicioso

fructo. E's o aroma da criação.

E as flores dos prados, a herba dos campos e as arvores das florestas elevaram ao Eterno um hymno de amor.

O SEGREDO DO CAMPO

D'uma vez um rei foi passear para uns campos que ficavam fóra da cidade real e encontrou um homem a cavar, com muito afan.

O rei perguntou-lhe se ganhava muito e o pobre camponio respondeu que ganhava apenas um florim.

O rei ficou admirado, e mais quando o trabalhador lhe disse: que com aquelle dinheiro vestia cinco filhos, sua mulher e seus velhos paes, que pagava dividas e punha dinheiro a juros.

O rei então perguntou-lhe como é que podia pagar dividas e pôr dinheiro a juros, além de se sustentar, vestir e fazer o mesmo à familia.

E elle respondeu-lhe:

— Olhe, senhor, pago dividas, porque sustento meus velhos paes que me deram de comer em pequeno e me educaram, e ponho dinheiro a juros, sustentando meus filhos, educando-os, para quando eu fór velho me fazerem o mesmo que eu agora faço a meus paes.

O rei, dando-se a conhecer, disse-lhe:

— Olha que tu não contes a ninguem o que me acabas de dizer sem veres o meu rosto 180 vezes; com pena de morte se fizeres o contrario.

O trabalhador, assustado, respondeu-lhe que sim, que fosse Sua Magestade descansado que não dizia nada a ninguem.

Chegado ao palacio mandou reunir a sua côrte e disse: que aquelle a quem calhasse a sorte havia de lhe dizer no fim de 3 dias, como é que um homem, ganhando unicamente um tostão, se podia sustentar e vestir e fazer o mesmo a cinco filhos, pae, mãe e mulher, pagar dividas e pôr dinheiro a juros. Disse mais que se advinhasse lhe dava sua filha em casamento e se pelo contrario, não resolvesse o problema soffreria a pena ultima.

Deitou-se a sorte e esta tocou a um conde, (que por signal era o namorado da linda princeza).

O conde vagueou dois dias e ao terceiro o ultimo do prazo marcado pelo rei, por sorte, encaminhou seus passos para o lado onde andava o trabalhador. Vae elle, pergunta-lhe se lhe podia dizer como é que um homem ganhando apenas um tostão por dia, se podia sustentar e vestir, fazer o mesmo a cinco filhos, pae mãe e

mulher, pagar dividas e pôr dinheiro a juros. O trabalhador disse-lhe que sim, que sabia.

Ora o conde ficou muito contente e muito apressado perguntou-lhe como.

O trabalhador contou-lhe a ameaça do rei, e que tinha muito amor á vida e que portanto não dizia nada.

O conde pegou n'uma saquinha cheia de moedas de oiro, abriu-a e tirou uma, amostrou-a ao trabalhador e perguntou-lhe se conhecia aquelle senhor gravado na moeda.

—Que sim, que conhecia, respondeu o trabalhador.

—Pois então conta as que abi estão dentro, disse-lhe o conde dando-lhe a saquinha recheiada de oiro.

O trabalhador contou, contou e viu que a saquinha tinha umas duzentas peças de oiro.

—Ora agora, como já viste o rosto do rei 180 vezes, e ainda mais algumas, diz-me o segredo.

O trabalhador contou-lh'o e o conde, contentissimo lá foi, caminho do palacio, buscar a recompensa prometida — a princeza.

As côrtes estavam reunidas, e o rei assim que o viu entrar, com um riso ironico, perguntou-lhe:

—Então? então? já sabes?

—Saiba Vossa Magestade, que sim, e começou a dizer-lhe o que o trabalhador lhe contára.

—Bem, é escusado acabar, disse-lhe o rei todo irado; já sei o resto.

E fazendo-se acompanhar de um carrasco e soldados, foi caminho do monte, em procura do trabalhador.

Assim que o viu acercou-se d'elle e disse-lhe:

—Homem vil, assim ousaste offender a minha dignidade real, quebrando o juramento que me tinhas feito,—pois prepara-te para morrer.

O trabalhador, sem perder o animo, respondeu-lhe:

—Como Vossa Magestade me tinha dito que não dissesse a ninguem o segredo sem primeiro vêr o seu real rosto 180 vezes. . .

E tirando a saquinha do bolso, abriu-a e despejou-a em cima do chapeu.

O rei, vendo que não tinha a fazer nada, retrocedeu e veio só embora.

*

E escusado é dizer que o conde casou com a princeza.

CANÇÕES

—*—

Hontem vi, na tua rua,
Duas pedras a brigar,
Para verem qual das duas
Tu havias de pisar.

Ao vêr a lucta, parei,
E, pasmado, disse então:
«Quando as pedras fazem tal
Os homens o que farão?»